

MAX MUELLER, HEIDEGGER E O EXPERENCIAR JUDAICO - CRISTÃO

Roberto de Amorim Almeida

da Universidade Federal de Pernambuco

Os estudos acerca da confrontação entre o pensamento tradicional-ocidental (subentenda-se metafísica clássica) e o questionar heideggeriano com relação a dimensão originária por parte de Max Mueller, não o levou a **construção** de nenhum posicionamento filosófico definitivo, pelo menos até o presente momento. Isto, no sentido do mesmo não ter levado a consequências últimas, qual seria o verdadeiro significado do que estaria por trás deste confrontar, mais precisamente, qual seria de fato o último horizonte de tal confrontação. No entanto, podemos e devemos afirmar desde já, que, tanto as suas análises fragmentárias, assim como as suas referências relacionadas a tal aporia, são fundamentais para quaisquer novos questionamentos que por ventura venham a ter com tal problemática. Isto porque, ao contrário da maioria dos discípulos de Martin Heidegger, opôs-se Max Mueller, desde o início do seu pensar, a "identificação" pura e simples entre o questionar heideggeriano com relação a dimensão originária e como este foi colocado em questão pelo pensar tradicional-ocidental. Assinalando neste sentido, a fundamental importância da pergunta heideggeriana: o seu esforço de regressar a dimensão originária propriamente dita. (1) Além disso, foi Max Mueller, o único entre todos os discípulos de Martin Heidegger que ao frisar a especificidade da pergunta heideggeriana, colocou em questão se essa dimensão não seria melhor entendida a partir do experienciar judaico-cristão, em vez de seu esforço de tentar entendê-la através da compreensão pré-socrática. (2)

Tão contraditório possa isto parecer, tanto mais é esta aporia (a experiência judaico-cristã), o motivo pelo qual Max Mueller se coloca em posição de compreender mais do que qualquer outro discípulo de Martin Heidegger o **cerne** deste pensar, levando-o a **re-pensar** o próprio filosofar heideggeriano.

Tais questões acerca do pensamento heideggeriano por parte de Max Mueller, poderiam também serem assim explicitadas: a partir da controvérsia entre Martin Heidegger e o pensar tradicional-ocidental com relação a dimensão originária, questiona Max Mueller qual será a estrutura desta dimensão. Através dessa confrontação define o mesmo esta estrutura como um "continuum" acontecer (Ereignis), que ao aparecer está sempre se ocultando. E ainda mais, este dado estrutural aparece-nos, segundo Max Mueller, mais explicitamente do que nunca no experienciar judaico-cristão, possibilitando-nos assim a compreendê-lo não somente como algo que se desvela ocultando-se, mas também a determiná-lo como um acontecer que se realiza mediante o seu próprio aparecer, revelando-nos enfim, o seu subjacente significado: algo que se realiza "como" liberdade e que se revela por conseguinte "em" liberdade. (3)

Essa problemática adquire tamanha importância, porque foi o próprio Martin Heidegger que ao iniciar sua controvérsia com o pensar tradicional-ocidental, começou questionando a estruturalidade da dimensão originária, a partir da situação relacionada a própria posição da existência humana. Mais precisamente, quando Heidegger iniciou o seu questionar relacionado com a problemática acima mencionada, após a primeira grande guerra mundial sob a influência de S. A. Kierkegaard e W. Dilthey, procurou ele entender o significado da dimensão originária através do posicionamento vivenciado pelos primeiros cristãos acerca do que quer dizer **estar-no-mundo**. (4) Martin Heidegger procurou colocar tal posicionamento como a única maneira possível de entender a problemática referente a dimensão originária, isto em franca oposição a corrente conceitualizante (subtendida-se não-vivenciada), do pensar tradicional-ocidental incapaz de explicitar a estrutura da respectiva dimensão. (5)

Que a reflexão heideggeriana não coloque posteriormente mais em questão o experienciar judaico-cristão, provém na verdade de uma fundamental incompreensão, que o levou a questionar cada vez mais no desdobrar do seu pensar o modo de compreender dos pré-socráticos. Neste sentido, afirma Max Mueller o seguinte: que Heidegger encontre "somente" na compreensão pré-socrática esse experienciar com relação a dimensão originária, e não no entendimento judaico-cristão, que se encontra subjacente a todo pensar tradicional-ocidental, provoca-nos uma grande admiração. Pois na experiência judaico-cristã encontra-se de um modo muito mais explícito tal experienciar, deixando-nos parecer na verdade como uma fraca reminiscência a compreensão pré-socrática. (6) Com relação a este problema devemos também acrescentar, que segundo Max Mueller, a interpretação heideggeriana acerca da dimensão originária, revela-se em suas consequências finais de uma maneira anônima, já que em suas últimas análises, só se encontra neste pensar uma única forma de determinação, ou seja, o, seu esforço e a sua tentativa de questionar essa dimensão exclusivamente em si. O problema "homem", é neste contexto considerado somente como o "lugar" onde esta determinação é explicitada; isto apesar de Martin Heidegger abordar esta aporia do que seja este **ser-homem**, por diversas vezes em sua obra. O conceito do que seja este ser, como pessoa que acontece, que constrói sua história em liberdade, que se constrói mediante a sua própria liberdade, permanece, no entanto, inexistente na obra heideggeriana. (7)

Max Mueller porém, apesar de sua controvérsia com Martin Heidegger, acerca da riqueza do questionamento judaico-cristão, parece não se aperceber do significado profundo a que isto o deveria levar. (8) Isto significa que Max Mueller ao interpretar o significado da dimensão originária, como um dado de liberdade, como um contínuo desvelar de acontecimentos que estão sempre se ocultando, entende essa dimensão somente de um modo kairológico, momentâneo, explicitando a estrutura da dimensão originária como uma série de acontecimentos, através da qual essa dimensão se re-

vêla. (9) Neste sentido, surge uma questão fundamental: será que isto de fato esgota o problema estrutural da dimensão originária, isto é, sua estruturalidade em si? Mas precisamente, contera esta interpretação aquele tempo que não acontece, que não se revela, ou melhor, o tempo em si? (10)

Na verdade tal posicionamento por parte de Max Mueller deve-se em parte a sua decisão de se colocar contra a qualquer pensar que por ventura venha a preocupar-se ou tente novamente levantar questões que tenham como fundamento idéias relacionadas a quaisquer concepções referentes a continuidade de uma decorrência. Isto porque, tais concepções contêm em si algo que não se coaduna com seu modo de pensar, ou seja, a eterna problemática da continuidade versus acontecimentos, assim como se todo questionar acerca dessa continuidade -anulasse necessariamente a importância do seu aparecer.

Mas nem todo pensar que questione tal continuidade, leva-nos implicitamente a anular a relevância do seu acontecer. Se procurássemos pensar este acontecer como "manifestação", adquiriria tal aparecer um sentido muito mais profundo; este acontecer apareceria como o "lugar" onde essa continuidade se revelaria em toda a sua significabilidade que por sua vez só existiria mediante essa mesma continuidade. E é precisamente no entendimento judaico-cristão, onde se evidencia mais do que nunca essa interrelação entre esse acontecer e essa continuidade essencial, e que nos leva as raízes mesmas, desse experienciar: a verdade da realização-ação ou ação-realização do problema "liberdade" como temática inerente a este pensar.

Finalizando, seria de todo aconselhável acrescentarmos a esta aporia o seguinte: sem dúvida a filosofia em si não pode explicitar totalmente o significado dessa realização-ação ou ação-realização relativa a estruturalidade da dimensão originária propriamente dita. Na verdade, só um experienciar, que questione o porquê e consequentemente a finalidade do significado da realização deste ato tem condições de colocá-lo de fato totalmente em questão; o que segundo Max Mueller seria um experienciar exclusivo do questionário teológico. Em outras palavras, a explicitação deste porquê e sua consequente finalidade envolveria a idéia de continuidade com relação a dimensão originária (subentenda-se o seu questionamento), o que iria de encontro a concepção que Max Mueller tem por compreensão filosófica. (11)

Deve-se ressaltar, no entanto, que esta diferenciação entre o experienciar filosófico e o teológico não é o mais adequado, assim como se de um lado tivéssemos o questionar filosófico, do outro o teológico, Max Mueller tem toda razão, quando ele afirma que o experienciar filosófico e o experienciar teológico não se situam ao mesmo nível, somente que esta diferença não pode ser explicitada de um modo tão "simples". A não ser que se compreenda esta diferenciação entre o filosófico e o teológico como um processo de auto-definição ou de auto-revelação da própria dimensão originária, onde o filosófico seria o lugar inicial desta definição, a maneira pela qual primeiramente sua história se revelaria, em um duplo movimento: primeiro na elevação do próprio pensamento em direção a dimensão originária como acontecimento onde inicialmente sua estruturalidade seria compreendida, e segundo na própria dimensão originária se auto-revelando, se auto-definindo como esse acontecimento inicial. Ambos movimentos compõem na verdade o pensar em sua totalidade, que apesar de possuírem conotações diversas, formam ao mesmo tempo uma única unidade com relação ao pensar, unidade única de um duplo movimento, que na tradição judaico-cristã receberam a seguinte denominação: Filosofia e Teologia.

NOTAS

- (1) Cf. por ex. L.B. Puntel, Analogie und Geschichtlichkeit I — Philosophiegeschichtskritischer Versuch ueber das Grundproblem der Metaphysik, Freiburg-basel -Wien (1969) 521.
- (2) Cf. M. Mueller, Symbolos — Versuch einer genetisch-objectiven Selbstdarstellung und Ortsbestimmung, Muenschen (1969) esp. 28.

- (3) Essa problemática pode ser facilmente confirmada, por exemplo, através da seguinte obra de Max Mueller. Cf. M. Mueller, *Existenzphilosophie im geistigen Leben der Gegenwart* Heidelberg 3 (1964) esp. 169.
- (4) Cf. K. Lehmann, *Chrstliche Geschichtserfahrung und ontologische Frage beim jungen Heidegger*, in *Philosophisches Jahrbuch* 74 (1966/67) 126-153.
- (5) Cf. L. B. Puntel, op. cit., 460.
- (6) Cf. M. Mueller, op. cit., 232-233. Cf. também o livro do autor *Natur und Geschichte — Zur Frage nach der urspruenglichen Dimension abendaendischen Denkens vor dem Hintergrund der Aussinanderseuzung zwischen Martin Heidegger und Karl Loewith*, Meisenheim am Glan (1976) 129.
- (7) Cf. M. Mueller, op. cit., 179.

Uma análise mais detalhada acerca deste conceito, o conceito fundamental de **pessoa** por parte de Max Mueller, pode ser também observado em seus seguintes trabalhos: "Expérience et Histoire", livro escrito a partir de uma série de conferências realizadas por este pensador em 1957 na Université de Louvain. Cf. M. Mueller, *Expérience et Histoire*, Louvain/Paris (1959); "Person um Funktion", aula inaugural realizada no dia 18 de janeiro de 1961 na Ludwig — Maximilians — Universitaet (Universidade de Munique) e posteriormente publicada como artigo in: *Philosophisches Jahrbuch* 69/2 (1962) 71-404, assim como, nos diversos artigos publicados no *Staatslexikon der Goerres-Gesellschaft*, tais como, em "Bildung", "Freiheit", "Naturrecht", "Person". Cf. M. Mueller, *Staatslexikon der Goerres-Gesellschaft* vol. II, III, V e VI, Freiburg/Br. (1958/59/60/61).

- (8) Com relação a esta aporia afirma L. B. Puntel, que Max Mueller parece não ter se apercebido quão profundo deveria ter sido o seu questionar, isto é, "er fragt nicht, von welchem Letzten. Horizont her die zentralen Ausdruecke des spaeten Heidegger, wis Lichtung, Wahrheit, Freiheit, Geschick, Gabe, Gewaehren usw", poderiam vir... Cf. L. B. Puntel, op. cit., 522.
- (9) Cf. M. Mueller, *Existenzphilosophie in geistigen Leben der Gegenwart*, Heidelberg 3 (1964) 229-230.
- (10) Neste sentido seria recomendável mencionar que a estruturalidade da dimensão originária não se compõe no entanto somente de uma série de acontecimentos, mas também consiste da continuidade que fundamente este acontecer. Cf. L. B. Puntel, op. cit., 524.

Apesar de partir de outra posição crítica em relação a essa problemática cp, também o artigo do autor "O Desvelar do Oculto em Benjamin Lee Whorf: Problemas Epistemológicos", in: *Revista da Universidade Federal de Pernambuco "Estudos Universitários"* n.º 3/4 (1977) 111-119.

- (11) — Cf. M. Mueller, op. cit., 46-47